

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

CAMPUS DE BAURU

LÍVIA MARIA DE MELO

**A PERFORMANCE RITUAL DO TERNO DE CONGO DE SAINHA DOS IRMÃOS
PAIVA DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DA ALEGRIA - SP**

BAURU - SP

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA

CAMPUS DE BAURU

LÍVIA MARIA DE MELO

**A PERFORMANCE RITUAL DO TERNO DE CONGO DE SAINHA DOS IRMÃOS
PAIVA DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DA ALEGRIA - SP**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Artes Visuais,
da Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação – FAAC UNESP/Campus
de Bauru, como requisito parcial para a
conclusão da graduação, sob orientação
da Prof^a. Dra. Rosa Maria Araújo
Simões

BAURU

2016

LÍVIA MARIA DE MELO

**A PERFORMANCE RITUAL DO TERNO DE CONGO DE SAINHA DOS IRMÃOS
PAIVA DA CIDADE DE SANTO ANTÔNIO DA ALEGRIA – SP**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Artes Visuais,
da Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação – FAAC UNESP/Campus
de Bauru, como requisito parcial para a
conclusão da graduação, sob orientação
da Prof.^a Dra. Rosa Maria Araújo
Simões.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Araújo Simões

DARG – FAAC/UNESP

Prof.^a Dr.^a Marizilda dos Santos Menezes

DARG – FAAC/UNESP

Prof. Dr. João Eduardo Hidalgo

DCHU – FAAC/UNESP

Bauru, fevereiro de 2016.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Silvanira e à minha irmã Letícia por todo apoio material e emocional dado ao longo de minha vida, apoio esse que me permitiu ter acesso a uma formação privilegiada, mesmo em meio a dificuldades financeiras. Pela paciência que tiveram comigo nesses últimos quatro anos de graduação e pelo apoio nos momentos de maior correria – que foram muitos, diga-se de passagem, pela dificuldade em conciliar os estudos com o emprego. Ao meu pai Mário por todo o carinho dispensado a mim, apesar de nossa pouca convivência.

Agradeço a minha professora e orientadora Rosa Maria Araújo Simões pela atenção e orientação na iniciação científica e nesse trabalho de conclusão de curso, sempre me direcionando para que os resultados fossem bastante positivos e consistentes. Aos demais professores do Departamento de Artes e Representação Gráfica e pela contribuição de cada um na minha formação. Aos funcionários do Departamento, em especial ao Adriano pela agradável companhia e pelas boas risadas durante as aulas no ateliê. Aos amigos de sala, em especial aos mais próximos, agradeço pela convivência saudável nesses quatro anos, pelos momentos inesquecíveis e pelas trocas de experiências.

Aos integrantes do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, em especial ao capitão Luiz Paiva e a Élder Luiz de Almeida, pela paciência e pela disposição em partilhar comigo suas experiências dentro do Congado e também pela hospitalidade com que sempre me receberam e sem as quais esse trabalho não teria sido possível.

Agradeço também à Irmandade do Rosário e aos caminhos da vida, que me permitiram entrar em contato com a tradição do Congado e me aprofundar em seus fundamentos religiosos e folclóricos, me proporcionando momentos únicos.

RESUMO

O Congado é uma manifestação cultural e religiosa de origem afro-brasileira, fortemente marcada pela aglutinação de elementos próprios do catolicismo europeu com elementos da religiosidade africana, todos eles convergindo numa manifestação única de fé e devoção. O Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva da cidade de Santo Antônio da Alegria é um dos mais tradicionais representantes do Congado dentro do estado de São Paulo e tem na Festa do Congo – realizada anualmente na cidade de origem do grupo – seu momento de maior expressão. A Festa é realizada anualmente e conta a participação de dezenas de ternos de fora, movimentando a cidade. O presente trabalho tem por objetivo descrever e compreender a estética própria do Terno de Congo de Sainha e da Festa do Congo, procurando analisar e interpretar os significados e valores que permeiam os diversos rituais e práticas realizados pelo grupo e pelos personagens da Festa, durante os quatro dias de duração do evento. Para tanto, o estudo será pautado pela Antropologia da Performance (TURNER, 1974) e na Antropologia Interpretativa (GEERTZ, 1989), que fornecerão subsídios para um olhar artístico e etnográfico sobre a Festa e sobre o Terno em questão.

Palavras-chave: Congado, Antropologia da Performance, Performance Ritual, Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, Festa do Congo, Santo Antônio da Alegria.

ABSTRACT

The Congado is a cultural and religious expressions of african-Brazilian origin, strongly marked by agglutination own elements of european catholicism with elements of African religion, they all converge on a single manifestation of faith and devotion. The Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva from Santo Antônio da Alegria is one of the traditional representatives of Congado within the state of São Paulo and has the Feast of Congo - held annually at the group's home city - his moment of greatest expression. The festival is held annually and has the participation of tens of groups from out of town, moving the city. This paper aims to describe and understand the very aesthetics of Terno de Congo de Sainha and the Feast of Congo, seeking to analyze and interpret the meanings and values that permeate the various rituals and practices carried out by the group and the characters of the event during its four - days. To this end, the study will be guided by the Anthropology of Performance (TURNER, 1974) and by the Interpretive Anthropology (GEERTZ, 1989), which will provide support for an artistic and ethnographic look at the Feast and the group in question.

Keywords: Congado, Anthropology of Performance, Ritual Performance, Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, Feast of Congo, Santo Antônio da Alegria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva se apresentando pelas ruas da cidade. FONTE: a autora, 2015.	20
Figura 2. Luiz, capitão do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2015.	21
Figura 3. Bandeira de São Benedito e Santa Efigênia hasteada na Praça do Rosário. FONTE: a autora, 2015.	23
Figura 4. Chegada do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva na casa de festeiro em 2014. FONTE: a autora, 2014.	25
Figura 5. O bandeireiro Tota Paiva com a bandeira do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2014.	27
Figura 6. Corte da Festa do Congo participando do cortejo. FONTE: a autora, 2014.	30
Figura 7. Integrantes do Terno de Moçambique de Canequinha da cidade. FONTE: a autora, 2015.	33
Figura 8. Procissão com santos da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2014.	34
Figura 9. O meirinho José Eraldo Vilar (esquerda) e o meirinho-geral Benedito Lourenço de Almeida (direita) acertando detalhes da Festa do Congo com o Rei de Congo (ao centro). FONTE: a autora, 2014.	35
Figura 10. Benedito Lourenço de Almeida, meirinho-geral da Festa do Congo, acompanhado das crianças do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2014.	37
Figura 11. Praça do Rosário à noite. FONTE: a autora, 2015.	38
Figura 12. Crianças do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva com a farda completa. FONTE: a autora, 2014.	40
Figura 13. Detalhes da parte do trás do capacete do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2015.	41
Figura 14. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva na Praça do Rosário na noite do terceiro dia da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2015.	43
Figura 15. Detalhe da quermesse durante a Festa do Congo. FONTE: a autora, 2015.	44
Figura 16. Procissão após a missa no domingo de manhã. FONTE: a autora, 2015.	45

Figura 17. Benedito Adalberto Dias, mesário da Festa do Congo. OFERTA: a autora, 2014.	46
Figura 18. Três dos santos patronos da Festa do Congo, expostos na Igreja do Rosário. Da esquerda para a direita: Santa Efigênia, Santa Catarina e São Roque. FONTE: a autora, 2014.	49
Figura 19. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva dentro da Igreja do Rosário. FONTE: a autora, 2014.	50
Figura 20. A Praça do Rosário com a Igreja do Rosário ao fundo. FONTE: a autora, 2014. .	51
Figura 21. Integrantes de ternos de fora participantes da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2014.	52
Figura 22. Integrante de terno de fora participante da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2014.	53
Figura 23. Integrantes do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva no quintal da casa de dona Geralda. FONTE: a autora, 2015.	54
Figura 24. Arriamento das bandeiras na Festa do Congo. FONTE: a autora, 2015.....	55
Figura 25. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva se despedindo da guardiã de uma das bandeiras da Festa do Congo. FONTE: o autor, 2015.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. CONGADO: ORIGENS E TRADIÇÃO	11
2. SOB A PROTEÇÃO DE SÃO BENEDITO: ALMOÇOS E ANDANÇAS	19
3. ENTRE CORTEJOS E PROCISSÕES: O REI E O DONO DA FESTA	29
4. NA FESTA DO CONGO: O ESPETÁCULO DO TERNO DE CONGO DE SAINHA DOS IRMÃOS PAIVA	38
5. NA PRAÇA DO ROSÁRIO: OS SANTOS E A DESCIDA DAS BANDEIRAS	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	60

INTRODUÇÃO

O Congado constitui-se hoje numa das mais fortes manifestações da religiosidade popular brasileira e uma das mais ricas heranças deixadas pelos negros que para cá vieram na condição de escravos a partir do século XVII. De origem sincrética, o Congado tem como base a junção de elementos culturais e religiosos provenientes do catolicismo e de alguns povos da África e se configura como um ritual, caracterizado pela polissemia e por diversas simbologias e significados. Ao longo dos séculos, ele foi pouco modificado em seus contornos originais. Entretanto, ao mesmo tempo em que conservou semelhanças, ganhou variações de uma região para outra e mesmo de terno para terno – denominação dada aos diversos grupos de Congado -, de maneira que muitos grupos acabaram desenvolvendo um universo próprio de práticas rituais e de símbolos.

Segundo Turner (1974), os rituais e os símbolos associados a eles possuem uma enorme importância na organização da vida social e da experiência humana, pois:

Os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo no estudo dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas. (WILSON apud TURNER, 1974, p. 19).

De acordo com Cavalcanti (2012, p. 119), os rituais, para Turner, configuram-se como contextos simultaneamente socioculturais e situacionais, ambientes impregnados de crenças e valores nos quais os símbolos possuem eficácia plena enquanto articuladores de percepções e de classificações, capazes de revelar os valores culturais subjacentes. Dentro dos rituais, os símbolos são objetos concretos que, situados entre outros símbolos, funcionam de forma plena no contexto. Ao estudo dos rituais e dos símbolos desenvolvidos inicialmente entre tribos africanas nos anos de 1960, Turner aliou o interesse pela performance e pela experiência humana, promovendo uma interdisciplinaridade entre a Antropologia e as Artes Cênicas, configurando-se, dessa forma, o campo da Antropologia da Performance, do qual ele vem a ser um dos maiores expoentes. Nesse contexto, surgiu a noção da performance em rituais, em gêneros artísticos e culturais e nas pequenas interações da vida cotidiana, pois assim como os rituais, toda performance cultural e artística, ao descortinar os valores e crenças de uma comunidade, acabam por se tornar explicações da vida cotidiana.

Além de ser uma manifestação religiosa e ritualizada, o Congado é uma manifestação cultural e artística, possuindo também uma dimensão cênica, com seus cantos, coreografias, danças, gestos, vestimentas, ornamentos e formas de organização. E o estudo desses elementos estéticos, aliado ao estudo de seus rituais e símbolos, permite a interpretação dos valores e das crenças transmitidos pelos diferentes ternos de Congado. Nesse sentido, o presente estudo objetiva-se debruçar sobre a performance ritual do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, um dos mais tradicionais representantes do Congado no estado de São Paulo, com o objetivo de identificar, descrever e interpretar os símbolos e valores presentes nos elementos e na ritualidade do grupo. Para tanto, também serão descritos e analisados a dinâmica e os elementos pertinentes à Festa do Congo, evento de maior importância para o Terno de Congo de Sainha, no qual a performance ritual do grupo é realizada na sua forma mais plena.

Além dos fundamentos da Antropologia da Performance (TURNER, 1974), o presente trabalho utilizará também a metodologia proposta pela Antropologia Interpretativa (GEERTZ, 1989). Geertz trabalha com o conceito semiótico de cultura, defendendo a tese de que o homem é um animal amarrado a teias de significados tecidas por ele mesmo. Dessa forma, ao conceituar a cultura como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis, ele defende que sua análise deva ser feita:

[...] não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. Todavia, essa afirmativa, uma doutrina numa cláusula, requer por si mesma uma explicação. (GEERTZ, 1989, p. 4).

Na busca das explicações e dos significados dos sistemas culturais, Geertz (1989, p. 4) defende a etnografia como método de trabalho, aliada ao que ele conceitua como uma “descrição densa”: uma análise profunda dos elementos observados, que escape da superficialidade e busque os significados dentro da própria cultura estudada e possibilite ao etnógrafo interpretar os dados da forma mais clara e coerente possível. Dessa forma, a interpretação da performance ritual do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva será realizada por meio de uma análise aprofundada e levando em consideração a dinâmica, os valores e as crenças do sistema cultural no qual o Terno está inserido e procurando as respostas dentro desse sistema. Considerando a importância e a característica própria do trabalho etnográfico na leitura e na interpretação da performance do grupo, vale salientar que foram realizadas as outras etapas de pesquisa de cunho etnográfico, tais como a realização de

pesquisa de campo, observação participante e entrevistas junto aos integrantes do Terno e durante a Festa do Congo na cidade de Santo Antônio da Alegria nos anos de 2014 e 2015. O trabalho desenvolvido aqui tem como base os elementos observados e os dados colhidos nesses dois anos.

1. CONGADO: ORIGENS E TRADIÇÃO

O Congado constitui-se hoje numa das mais importantes manifestações da religiosidade popular brasileira e uma das mais ricas heranças deixadas pelos negros que para cá vieram na condição de escravos a partir do século XVII, especialmente os de origem bantu. Tendo seus primeiros registros no Brasil datados de 1674, ele permanece vivo até hoje, estando presente em todo o país e de maneira mais expressiva nos estados de Minas Gerais, Goiás e São Paulo – sendo este último, o estado onde se situa o Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, objeto desse trabalho. Constituindo-se enquanto uma tradição sincrética, sua força provém da aglutinação de elementos próprios do catolicismo, como a devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e São Domingos, entre outros, com elementos da religiosidade africana, como o batuque de tambores e a dança, todos eles convergindo numa expressão única de fé e devoção.

Não há consenso entre os pesquisadores sobre as origens históricas dessa tradição, mas, sabe-se que algumas regiões do continente africano já tinham entrado em contato com o catolicismo antes do início da chegada dos negros escravizados ao Brasil. De acordo com Alvim (2008, p. 18), a devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário teria surgido ainda na África, no século XV, por meio do trabalho de doutrinação exercido pelos frades dominicanos. Por sua vez, Gabarra (2006, p. 396) defende que o Congado nasceu em terras brasileiras, como consequência da colonização europeia no país, mais precisamente em função do tráfico negreiro e do modelo de catequese católica imposto pelos portugueses ao Brasil. De qualquer maneira, é certo que, ao serem trazidos à força para cá, os negros foram submetidos a um intenso processo de doutrinação por parte de religiosos ligados à Igreja Católica, no intuito de anular toda a herança cultural e religiosa que eles traziam consigo e quebrar os laços de memória e pertencimento que ainda mantinham com a África ancestral facilitando, assim, a dominação e a subjugação dessa comunidade.

Obrigados a abraçar o catolicismo, os negros o fizeram a sua maneira, desenvolvendo forte predileção por Nossa Senhora do Rosário e São Benedito - considerados os grandes protetores do povo negro - e inserindo elementos religiosos, ritualísticos e simbólicos da cultura africana, como a dança, o toque dos tambores, os cantos e os ornamentos. Criaram, dessa forma, um verdadeiro amálgama de ritos, práticas e crenças, promovendo, assim, a

ressignificação dos valores cristãos que lhes foram impostos. O Congado é, pois, um meio de resistência, na medida em que, por meio desse amálgama, os negros conseguiram recriar os elos culturais e simbólicos que ainda os mantinham ligados à África, encontrando uma maneira de vivenciar sua religiosidade, a despeito da repressão exercida pelos senhores brancos.

No processo de resistência, manutenção e transformação da cultura africana e da tradição do Congado, as irmandades católicas de escravos tiveram importante papel. Conforme esclarece Cezar (2012, p. 189), elas eram instituições religiosas regidas por um compromisso que definia os estatutos da associação a serem seguidos por todos os membros tendo em vista o desenvolvimento da vida social e religiosa de seus integrantes. Derivavam das confrarias medievais, mas ao contrário destas, organizadas de acordo com critérios profissionais, as irmandades se estabeleciam por categorias raciais e sociais. Nesse sentido, durante o período do Brasil colônia, surgiram diversas irmandades formadas apenas por negros, tanto escravos quanto libertos, que zelavam pelo bem comum de seus membros e, sobretudo, constituíam-se em espaços de exercício de liberdade religiosa, espaços nos quais os negros puderam manter suas memórias ancestrais e recriar suas práticas religiosas:

A significativa quantidade de irmandades leigas de “homens pretos”, formadas por escravos, negros e alforriados que se estruturaram em torno de alguns santos [...] foram um meio pelo qual os negros puderam vivenciar aspectos de sua cultura, demonstrando elementos de sua concepção de mundo e proliferando certos rituais africanos, como alguns dos elementos que compõem as celebrações dramatizadas [...], revestindo a vivência do sagrado em um importante identificador de resistência cultural. (ALVIM, 2008, p. 23)

As irmandades negras existiam sob a anuência das autoridades brancas e se organizavam em torno dos “santos de preto”, já mencionados, com os quais possuíam maior afinidade e ligação e, em honra a estes, organizavam celebrações, cultos públicos e festas. Durante as festividades, tinha lugar um dos rituais mais expressivos e mais representativos do caráter de resistência do Congado: a coroação de uma Corte composta por reis e rainhas negros. Tal tradição teve origem no Cortejo aos Reis Congos, instituído no antigo Império do Congo, surgido no século XIV na África Central. De acordo com Gabarra (2003, p. 3), o Cortejo ao Rei e à Rainha era uma expressão de confiança dos súditos em seus governantes, que deveriam lhes proporcionar paz, segurança e prosperidade. A homenagem era feita ao som de tambores, pois o batuque é uma das expressões culturais mais fortes entre os africanos.

Habitado majoritariamente por diferentes povos de origem bantu – grupo etnolinguístico formado por centenas de grupos étnicos diferentes - o Império do Congo já conhecia o catolicismo desde os anos 1400, devido ao contato estabelecido entre a realeza do Império africano e representantes da Coroa portuguesa. Com o início do tráfico de escravos para o Brasil colônia no século XVII, foram trazidos para cá milhares de negros de diversas partes da África, incluindo habitantes do Império do Congo, muitos dos quais membros da realeza local. Durante seu processo de configuração no Brasil, o Congado foi absorvendo contribuições dessas diferentes etnias africanas e acabou por incorporar várias delas, entre as quais o Cortejo aos Reis que, ao reafirmar as origens e a identidade africana da tradição, acabou por se tornar um dos elementos mais importantes dela.

As irmandades negras realizavam suas festas em locais públicos. Nessas ocasiões, a Corte eleita saía em cortejo pelas ruas das cidades acompanhada pelos negros que bailavam, entoavam cantos religiosos e faziam ressoar seus tambores e caixas como forma de louvação aos seus santos católicos e também como saudação aos Reis e Rainhas negros coroados por eles. Tais desfiles foram muito comuns durante o período do Brasil colônia e Império e, conforme salienta Cezar (2012, p. 190), acabaram se constituindo em “importante locus de estruturação de grupos africanos e afrodescendentes e permitiram sua articulação à vida social, cultural, religiosa e política” em um contexto dominado pelos valores europeus e cristãos do homem branco.

Marcado pelas rezas, pelas músicas, pelas danças e pela batida dos instrumentos, o Congado, em geral, constituiu-se enquanto uma verdadeira festa. Entretanto, por influência da catequese católica, em algumas regiões do país ele acabou por assumir um caráter dramático e moralizante, com a encenação das antigas lutas entre cristãos e mouros ocorridas durante as Cruzadas medievais, nas quais o Bem, personificado pelos cristãos, sempre vencia o Mal, representado pelos mouros, que, invariavelmente, acabavam convertidos ao cristianismo. Dentro do Congado, porém, essa variação acabou não conquistando tanta difusão e expansão quanto o seu formato mais festivo, ficando restrito a poucas partes do Brasil.

Ao longo dos séculos, o Congado sofreu diversas transformações e adaptações, conservou alguns elementos, perdeu outros e também absorveu novas práticas pelo caminho. Entretanto, o formato do cortejo em vias públicas se manteve e continua até os dias de hoje como uma de suas principais características. Dinâmico, ele foi se modificando em virtude de interações sociais e culturais e de acordo com os diferentes contextos locais em que foi se

inserindo, de tal maneira que acabou por tornar-se uma manifestação cultural heterogênea, sem, contudo, perder sua singularidade:

[...] congadas são rituais e todo ritual é dialógico, portanto polissêmico. Assim a festa assume diferentes significados conforme os atores que dela participam, suas intenções manifestas, o lugar em que ela é realizada e a época, período de sua ocorrência. E, por mais contraditório que seja, afirmar a polissemia das festas de congada não implica deixar de entrever que seus múltiplos significados não possam ter sentidos de unicidade e permanência. (CEZAR, 2012, p. 188)

Dessa forma, sob a denominação genérica de Congado, reuniram-se diversas vertentes da tradição, cada uma com uma estrutura e uma forma de organização diferentes, com suas especificidades em relação a coreografias, instrumentos e ornamentos, cada uma com uma maneira própria de expressar seu louvor e devoção a Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e os demais santos escolhidos. Tais vertentes são representadas por diversos grupos, conhecidos como ternos, que, de acordo com Macedo (2007, p. 24), são identificados como: congos, moçambiques, marinheiros (também conhecidos como marujos ou marujeiros), catupés (também chamados de catopés ou catupês) e vilões. Dessa maneira, enriquecido por diferentes linguagens, pela diversidade de práticas, costumes e significados presentes em cada linha de ternos, o Congado vem se mantendo vivo há séculos sem perder seu caráter de unicidade.

O Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva se enquadra na linha dos ternos de congo. Estes são considerados os mais festivos e os grandes “enfeitadores” das ruas durante os cortejos, pois, em geral, se vestem de maneira colorida e elaborada, utilizando ornamentos como fitas de tecido, flores de papel crepom e lantejoulas. Têm na batida forte da caixa uma de suas principais características, mas também podem se utilizar de tamborins, reco-recos, chocalhos, pandeiros, sanfonas, violas e violões. Assim como os congos, os moçambiques também tocam caixas, mas com uma batida mais lenta. Seus instrumentos característicos são as gungas - espécies de guizos amarrados nas pernas e que produzem uma sonoridade marcante quando o moçambiqueiro se movimenta pelas ruas - e os chocalhos, chamados de patagungas, que eles agitam durante os cortejos. São menos festivos e cantam em tom de lamento. Já os marinheiros se assemelham aos congos na questão dos instrumentos, mas apresentam uma batida de caixa mais rápida, além de usarem repinique e chocalhos que agitam enquanto evoluem em forma de luta. Apresentam influência dos mouros e portugueses, trajam uma espécie de capa curta, chamada de marlota, para esconder as espadas e são reconhecidos pela expressão “mar abaixo”, “que simboliza a chegada dos negros no

Brasil como escravos, desembarcados entre as ondas que açoitavam as praias” (Carneiro, 2008, p. 39).

Os ternos de catupé, também chamados de catupé cacunda, utilizam pandeiro, sanfonas e também as caixas, muito comuns dentro do Congado. Representam a astúcia dos negros que fugiam das senzalas e evoluem em formato de dança, rolando pelo chão e batendo as costas na terra, como se estivessem sendo caçados pelos capitães de mato a serviço dos fazendeiros. Há, ainda, um tipo específico de catupé, chamado de penacho, surgido a partir da aproximação entre os negros e os indígenas, quando os primeiros fugiam do cativeiro e se refugiavam nas matas. Dançam com passos marcados e de forma graciosa e, de acordo com Macedo (2007, p. 24), têm como ornamentos principais a manguara, espécie de vara de madeira, e o cocar de penas, em alusão aos indígenas que acolheram os negros.

Por fim, há os ternos de vilões, com um ritmo veloz e animado, ditado pelas caixas e pelo sanfoneiro. Rememoram os jovens escravos que assaltavam as fazendas e os engenhos pelas madrugadas para obter animais domésticos e mantimentos. Portam facões de madeira, como lembrança da luta dos escravos pela liberdade e, assim como os penachos, também carregam bastões, batidos uns contra os outros durante a coreografia que retrata conflitos da época da escravidão e os representa simbolicamente numa espécie de dança astuciosa, conforme pontua Carneiro (2008, p. 40).

Reunidos, esses grupos configuram um universo simbólico comum entre eles, o universo congadeiro, próprio do Congado. Entretanto, dentro dessa tradição, eles obedecem a uma escala hierárquica que concede aos ternos de moçambique uma condição de prioridade em relação aos demais. Tal situação tem origens no mito de Nossa Senhora do Rosário que, por sua vez, surge a partir de uma narrativa usada pelos devotos para explicar o nascimento do Congado. Contada e recontada ao longo dos séculos, ela vem sendo transmitida entre as gerações de maneira oral. Nesse sentido, ao longo do tempo, a narrativa sofreu diversas modificações e ganhou diversas variantes, de modo que não há, hoje, uma versão oficial dessa história. De acordo com uma das versões:

A imagem de Nossa Senhora teria sido encontrada num deserto, dentro de uma gruta. Os brancos tentaram levá-la para a igreja, mas todos os procedimentos foram em vão. Não conseguiram tirá-la do local. Então, foram chamados os negros que já faziam festa para homenagear a santa. O primeiro grupo, um catupé catunda, com suas roupas coloridas e muita alegria, chegou próximo da gruta, cantou e dançou. Os brancos foram lá para

ver se a santa havia se deslocado da rocha, e nada. Logo, o congo foi chamado para ajudar.

Com suas caixas, negros fortes e roupas elegantes como fardamento, chegaram os congueiros. Fizeram muito barulho com seus tambores, cantaram alto e também realizaram a apresentação, menos espalhafatosa do que a do catupé. Os brancos voltaram ao interior da gruta e conseguiram deslocar a santa, mas não o suficiente para retirá-la da rocha. Sobrou a última alternativa: chamar o moçambique.

O moçambique, um grupo menor, com roupas simples e sem pouco envolvente, possuía alguns integrantes com pés no chão, guizos nos tornozelos e lenços na cabeça, no peito e na cintura. Sua apresentação estava longe do espetáculo que deu o fervoroso catupé e tampouco suas caixas soaram alto como na exibição do congo. Veio, porém, a surpresa. Em poucos minutos a santa saiu da rocha e o acompanhou. (MACEDO, 2007, p. 40).

Em algumas variantes dessa narrativa, a imagem da santa é encontrada no mar – e não no deserto – enquanto, em outras, ela é descoberta no meio do mato. Há diversas outras pequenas modificações na história sem, contudo, retirar dela seu contexto e significado originais. Em nenhuma delas, porém, há identificação de tempo histórico nem de espaço geográfico nos quais as situações teriam ocorrido, fato que dá a elas um tom fantástico e místico e lhes confere o caráter de lenda. Na grande maioria das versões, entretanto, a narrativa tem o mesmo desfecho: Nossa Senhora do Rosário se encanta com a batida e a humildade dos moçambiqueiros e finalmente os acompanha até o local onde ela ficará em definitivo.

A atitude da santa, interpretada pelos negros como um sinal de preferência e de simpatia pelo moçambique, é lembrada até os dias de hoje como explicação para a posição ocupada por esse grupo dentro da tradição. Reconhecidos como os guardiões de Nossa Senhora do Rosário e considerados como os “donos da festa”, cabe a eles fazer a abertura dos festejos e dar início aos cortejos e rituais das festas de Congado. A posição dos demais ternos dentro da hierarquia do Congado também é definida pela narrativa, mais precisamente pelo grau de “preferência” da santa pelo batuque de cada grupo na tentativa de conquistar sua “confiança” e conseguir levá-la para a igreja. Entretanto, como há várias versões da mesma história e nem todas apresentam os grupos na mesma ordem - com exceção do moçambique - a posição deles na hierarquia do Congado não é fixa e varia de acordo com a versão contada.

A despeito da diversidade de enredos, a lenda é contada há séculos pelos congadeiros como explicação para o surgimento do Congado e da devoção dos negros a Nossa Senhora do Rosário, pois, conforme salienta Gabarra (2006, p. 399), a narrativa “funda a identificação

entre a cultura de matriz africana e a católica da louvação da santa e, sem dúvida, a identidade do grupo congadeiro. Pois a santa gostou do batido dos pretos como expressão de louvor”. E foi assim, num tempo e num local indefinidos, por meio de um encontro fantástico entre uma santa católica e um grupo de negros devotos, do encontro entre a tradição cristã europeia e religião ancestral africana, que nasceu o Congado, um sistema religioso fortemente sincrético e que se constitui até hoje como uma das manifestações culturais e religiosas mais expressivas de nosso país. Conforme ressaltam Brettas e Frota:

[...] essa manifestação não revela somente traços da cultura negra, mas parte da cultura brasileira. O Congado é realizado em vários pontos do Brasil miscigenado, e revela valores e aspectos simbólicos característicos das comunidades que o realizam, bem como informações históricas a respeito da formação e evolução da religiosidade e dos aspectos culturais e geossimbólicos, em várias regiões do país. Assim, é crucial que ele seja registrado e preservado, ação essa que deve ser realizada por instituições ligadas ao Poder Público e a representantes da sociedade civil. (BRETTAS; FROTA, 2012, p. 40).

Nesse sentido, em virtude de sua importância histórico-cultural para a afirmação e fortalecimento da identidade de seus praticantes, o Congado - especificamente o encontrado nos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás - encontra-se atualmente em processo de registro como patrimônio cultural imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, ligado ao Ministério da Cultura. Posto isto, vale destacar que, de acordo com a Constituição Federal de 1988, o patrimônio cultural é definido como sendo:

- os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Em relação aos bens culturais de natureza imaterial - elementos que, em conjunto, formam o patrimônio cultural imaterial como um todo -, estes dizem respeito às práticas e domínio da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas), de acordo com o IPHAN.

Dentro do conceito de patrimônio cultural imaterial, o Congado insere-se na categoria de celebrações, que, por meio de elementos rituais como danças, vestimentas, cantos e cortejos instituem e transmitem valores, crenças e saberes de indivíduos, grupos e comunidades. Como celebração afro-brasileira, o Congado adquire importância especial, pois se constitui como meio de sobrevivência dos vestígios da memória africana que durante séculos foi reprimida social e culturalmente, além de permitir, por meio de sua performance ritual, que sejam vislumbrados “alguns dos processos de criação de suplementos que buscam cobrir as faltas, vazios e rupturas das culturas e dos sujeitos que se reinventaram” por meio dessa tradição, conforme salientam Brettas e Frota (2012, p. 34). Dessa forma, a análise da performance ritual do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, por meio de seus elementos simbólicos, pode contribuir um pouco para o entendimento sobre como esses processos de criação se deram.

2. SOB A PROTEÇÃO DE SÃO BENEDITO: ALMOÇOS E ANDANÇAS

Situada no nordeste do estado de São Paulo, bem próxima à divisa com Minas Gerais, Santo Antônio da Alegria é uma pequena cidade com pouco mais de 6000 habitantes, segundo o censo de 2010 do IBGE. Com uma cultura baseada na tradição familiar, é palco de diversas festividades folclórico-religiosas que atraem centenas de visitantes ao longo do ano, como a Festa do Congo, a Folia de Reis, a Festa da Santa Cruz e o Canto das Almas, contribuindo para que ela ganhasse o título de “Cidade do Folclore”. Cercada por atrativos naturais, como cachoeiras, montes e rios, a cidade também tem utilizado o turismo ecológico a seu favor, atraindo diversos adeptos do boia cross e do voo livre nos finais de semana.

É nesse ambiente favorável que se encontra o Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva (mostrado na figura 1). Com mais de cem anos de existência, o Terno é hoje um dos mais tradicionais representantes do Congado no estado de São Paulo, apresentando-se periodicamente em importantes eventos dedicados à cultura popular, como o Festival do Folclore de Olímpia (que acontece há 50 anos) e o Revelando São Paulo (que acontece desde 1996). Alcançando a quinta geração da família Paiva, o grupo é composto não só por membros dela, mas também por amigos e conhecidos que compartilham com eles a devoção religiosa e o apreço pela tradição congadeira, ou seja, própria do Congado.

O atual capitão do grupo, Luiz Paiva (mostrado na figura 2), herdou de sua mãe, dona Geralda Paiva, a missão de continuar com a tradição da família no Congado. Falecida em 2010, dona Geralda comandou o grupo por cerca de 30 anos, dando continuidade à tradição iniciada por seus antepassados. No âmbito militar, a figura do capitão representa autoridade e ordem. Dentro do Congado, não é diferente: a Luiz cabe o papel de comando dentro do terno, o papel de tomar as decisões coletivas, organizar a turma, ensinar e dar o exemplo, advertir e corrigir os congadeiros quando necessário, garantir que os preceitos do grupo sejam respeitados, sempre no intuito de que a performance ritual do Terno ocorra da maneira mais fiel possível. Tal posição não se alcança de um dia para outro, mas sim mediante um longo processo de aprendizagem, marcado por anos de vivência e intimidade com os saberes e práticas do grupo, transmitidos oralmente ao capitão pelos integrantes mais velhos do Terno e, principalmente, pelos familiares adeptos da tradição.



Figura 1. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva se apresentando pelas ruas da cidade. FONTE: a autora, 2015.

Conforme o próprio Luiz reconhece, ao capitão é indispensável uma boa dose de flexibilidade, seja para lidar com situações corriqueiras que surgem – como o sumiço de um capacete ou de uma baqueta de um integrante, minutos antes de saírem em apresentação –, seja para contornar questões maiores, como a falta de recursos financeiros. E é nessa capacidade de ser maleável e dirimir conflitos que repousa, em grande medida, a coesão entre os congadeiros e a continuidade do grupo, como ele mesmo afirma:

Então, aí é que entra a cabeça de um líder. Quando a gente diz líder não diz alguém que quer mandar. É alguém que tem que ter jogo de cintura pra você conseguir manter isso aí. Você tem que agradar criança, o jovem, o mais velho, você tem que ter essa cabeça pra você agradar e não desagradar alguém pra sair. (LUIZ PAIVA, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).

A preocupação do capitão com a continuidade do Terno se justifica pelo fato de, no passado, a cidade ter contado com diversos grupos: Terno de Moçambique de José Maximiano, Terno de Congo do Davi Alecrim, Terno de Congo José Fidelis, Terno de Congo Santa Maria, Terno de Congo do Belmiro de Olaia e Terno de Congo do Bertoldi, tendo este último sido fundado por volta de 1800, décadas antes da abolição da escravidão no Brasil.

Hoje, além do Terno dos Irmãos Paiva, há apenas o Terno de Moçambique de Canequinha, assim denominado pelo fato de alguns integrantes usarem guizos em forma de canequinhas presos às canelas e que produzem barulho à medida que eles se movimentam.



Figura 2. Luiz, capitão do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2015.

Nesse cenário de forte influência da religiosidade negra e cristã, teve início a Festa do Congo há cerca de 150 anos, de acordo com Luiz. Durante seus quatro dias de duração, a Festa modifica a rotina da pequena cidade e dos integrantes do Terno. Conforme Silva (2005, p. 42) pontua, para Turner a performance pode ser encontrada dentro de situações extraordinárias, ou seja, em momentos de interrupção da ordem social. Segundo Cavalcanti (2013, p. 425), a visão turneriana considera a performance “[...] como um processo no qual uma experiência se consuma”, um momento no qual a experiência se finaliza e se completa. Nesse sentido, a Festa do Congo em Santo Antônio da Alegria representa uma interrupção temporária na dinâmica da vida social e cultural da cidade, período no qual a performance ritual do Terno de Congo de Sainha é encenada na forma mais ampla e plena possível, dotada de suas simbologias, seus valores e suas práticas rituais, pertinentes tanto ao Terno quanto ao

universo da Festa, razão pela qual o evento é considerado o momento máximo e de maior importância para o grupo, o momento mais esperado e mais aguardado por seus congadeiros.

Já no primeiro contato estabelecido com o Terno, ainda na cidade paulista de Olímpia, em agosto de 2014, é possível entrever, por meio das palavras de Luiz e do convite para conhecer a Festa, a importância e a dimensão dela dentro do universo dos congadeiros do grupo: “Nossa, se você fosse lá que era legal! Porque lá é o início de tudo né... Essa festa nossa lá é muito antiga, totalmente diferente daqui! Quando você conhecer nossa festa lá em Santo Antônio da Alegria, lá você vai entender...” (LUIZ PAIVA, depoimento concedido à autora em 16.08.2014).

No mês seguinte, em Santo Antônio da Alegria, na conversa com outros integrantes do grupo vem a reiteração do caráter de especialidade concedido à Festa, um momento único, “que não se perde de jeito nenhum”:

Faz mais de 20 anos, de 25 anos que eu danço nesse terno aqui. Eu nessa época, patrão pode ratear, pode descontar, pode falar que não é pra faltar, mas nesses quatro dias não tem pra ninguém! Dia de festa, só tem uma vez no ano, de alegria, não é só trabalhar não, tem que divertir. E aí eu vou e volto, ele fala “Festou muito?”, eu falo “Festei, graças a Deus!”. (MANOEL PEREIRA TRINDADE, depoimento concedido à autora 06.09.2014).

Autointitulada a “maior festa de Congo do Brasil”, ela se inicia oficialmente em agosto, com o hasteamento das bandeiras dos seis santos patronos da Festa (conforme figura 3) em frente à Igreja do Rosário. Ao todo são três bandeiras, caprichosamente enfeitadas com flores e fitas, cada uma com um casal de santos: Nossa Senhora do Rosário com São Domingos, Santa Catarina com São Roque e São Benedito com Santa Efigênia. O hastear das bandeiras rememora e revive um passado de cerceamento da liberdade religiosa dos negros:

[...] o ato de levantar as bandeiras no átrio do templo rememora o tempo no qual os negros não podiam entrar na igreja, e, portanto, o louvor à santa era feito pelos congados do lado de fora da igreja em torno de uma fogueira e do mastro; fazendo deste um símbolo de um passado de segregação que é rememorado e atualizado no louvor e devoção das guardas e ternos (COSTA apud VASCONCELOS, 2007, p. 44).

Elevar as bandeiras na Praça do Rosário é também elevar o pensamento aos céus para agradecer pela cura de um ente da família, pela gravidez alcançada, pelo emprego conquistado, mas também para pedir bênçãos e milagres aos santos da Irmandade do Rosário, pois quem dá a graça é Deus, mas quem leva o pedido até Ele são os santos.

As bandeiras são tratadas como relíquias, objetos portadores da memória da tradição, conforme ressalta Gabarra (2006, p. 394). Devido a essa importância, em Santo Antônio da Alegria, elas possuem “guardiões”, pessoas encarregadas de mantê-las em suas casas e zelar pela conservação delas. Dona Iracema Calixto Vieira Naves da Silva é responsável pela guarda da bandeira de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos há mais de 20 anos, tendo herdado a missão de seu falecido marido. Sob seus cuidados, a bandeira recebe atenção especial:

Fica na minha casa, no meu quarto, a vida inteira, faz mais de 20 anos [...] fica lá, todo dia a gente vai rezar pra ela [...] aí a gente arranja um pintor e pinta o tecido, o pano e põe no quadro e enfeita e fica com a gente. Até que vai sol, chuva e vai apodrecendo. Agora eu vou fazer outra bandeira. (IRACEMA CALIXTO VIEIRA NAVES DA SILVA, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).



Figura 3. Bandeira de São Benedito e Santa Efigênia hasteada na Praça do Rosário. FONTE: a autora, 2015.

As bandeiras permanecem hasteadas na Praça do Rosário até o começo de setembro, quando tem início a Festa do Congo propriamente dita, cerca de quinze dias após o levantamento delas. A Festa sempre se inicia numa sexta-feira e dura quatro dias, ao longo dos quais ocorrem diversos rituais que se repetem diariamente e encontram-se permeados por

simbologias passíveis de serem interpretadas, levando-se em conta o contexto social e cultural da comunidade envolvidas neles, pois, de acordo com Geertz:

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu chamaria símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade.” (GEERTZ, 1989, p. 10).

Dentro da Festa, os almoços oferecidos pelos chamados festeiros são diários e constituem-se como elementos importantes para a manutenção da tradição. O festeiro é um membro da comunidade católica da cidade que abre as portas de sua própria casa para oferecer um almoço gratuito aos integrantes do Terno e àqueles que os acompanham, como forma de pagamento a uma promessa ou como forma de agradecimento por uma benção alcançada. Tais momentos se constituem como uma verdadeira confraternização, uma comunhão, um momento de partilha, no qual o festeiro anfitrião obedece ao preceito de “repartir o pão”, tão preconizado pela doutrina católica, repartindo com os congadeiros a fartura de ter tido uma graça atendida.

Angelina Freiria Marinzeck, uma das festeiras de 2014, cumpria a promessa feita em virtude dos problemas de saúde apresentados por seus dois filhos:

Os meus meninos têm problema respiratório. Tinham. E eu pedi, quando eu fui na [...] levantação das bandeiras. Eu falei que se os meus meninos, que se eu conseguisse a graça de eles não terem mais esse problema... porque eles perdiam o ar, tampava a glote, perdia o ar, tinha até que dar choque, fazer massagem, essa coisas. Se não tivesse mais esses problemas, eu iria oferecer um almoço de Congo. E aí quando meu pedido foi atendido aí eu fiz [...]. Mas imediatamente na hora que eu fiz o pedido, eu já falei que eu ia dar o almoço esse ano, mesmo não tendo certeza que eu ia (...). Faz um ano que eles não têm, assim, de ter que ir no hospital, ficar internado, faz um ano, melhorou. (ANGELINA FREIRIA MARINZECK, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).

Os almoços ocorrem de maneira simples, sem luxos. Em algumas ocasiões nem sempre há mesas e cadeiras para todos os convidados. Mas isso não é problema: os convidados se ajeitam e se sentam no chão para comer. O gesto simbólico do anfitrião de receber todos em sua casa e oferecer a refeição é maior do que esses detalhes. A comida é simples, mas é farta. Primeiramente são servidas as crianças e, logo depois, os adultos. É a própria família anfitriã que serve os convidados. Após comerem, os congadeiros permanecem conversando e rindo descontraidamente, as crianças correndo para lá e para cá, até que o apito do capitão soa e eles sabem que é hora de partir.



Figura 4. Chegada do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva na casa de festeiro em 2014. FONTE: a autora, 2014.

De acordo com Silva (2005, p. 44) as performances sempre ocorrem em momentos marcadamente simbólicos. O ritual dos almoços é um momento simbólico. Nesse sentido, antes e depois da cada refeição comunitária, o Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva cumpre outro ritual. No caminho até a casa do festeiro, o Terno vai se apresentando enquanto percorre o trajeto. Vestidos com as fardas, isto é, com a vestimenta do Terno, seus integrantes vão tocando e bailando, seja qual for a distância a ser percorrida, realizando um espetáculo em movimento, uma performance musical e artística, atraindo a atenção dos passantes e dos moradores que saem de suas casas para acompanhar a passagem do grupo e provocando um encantamento estético em quem assiste. Apesar da beleza do espetáculo, o caminho até o local do almoço por vezes se torna um pouco ingrato aos congadeiros, especialmente nos dias de sol forte. Ao longo do trajeto, o calor provocado pela farda vai incomodando os congadeiros e os instrumentos musicais vão se tornando pesados e exigindo muita disposição deles, que não podem parar de tocá-los, mesmo que o caminho seja longo.

Ao chegar ao local do almoço, o Terno sempre é recepcionado pela família do festeiro, que espera pelo grupo do lado de fora da casa, demonstrando a satisfação de recebê-lo. Logo,

a bandeira do Terno, com a imagem do patrono São Benedito, passa para as mãos da família anfitriã (conforme mostrado na figura 4), que a beija e a toca como forma de devoção. Em agradecimento pela hospitalidade, os congadeiros cantam, tocam e bailam causando forte emoção entre os festeiros. O grupo entra na residência e após mais um tempo de cantoria - com versos alusivos à ocasião do almoço - o capitão Luiz puxa uma oração agradecendo ao festeiro e a todos que colaboraram para a refeição. Ao fim, ouvem-se “vivas” à Irmandade do Rosário e a São Benedito, lembrando a todos a verdadeira razão espiritual daquele momento de partilha. Logo em seguida, o almoço é servido. Após o almoço, o ritual se repete e o Terno deixa a casa do festeiro tocando e cantando como forma de saudação e agradecimento.

Na saída dos almoços, o Terno de Congo dos Irmãos Paiva refaz o trajeto, novamente se apresentando pelas ruas da cidade. O espetáculo se repete em todos os quatro dias da festividade, várias vezes ao dia, seja para ir e voltar da casa do festeiro, seja para ir até a Praça do Rosário - onde ocorre a maior parte da festividade - ou para participar dos cortejos com a Realeza da Festa. Nesses momentos, o Terno sempre leva consigo a bandeira com a imagem de seu padroeiro, São Benedito. Tota Paiva (mostrado na figura 5) cumpre há mais de dez anos o papel de bandeireiro oficial do grupo, sendo a pessoa responsável por carregá-la. Cuidadosamente adornada com flores e fitas coloridas de papel crepom e fitinhas, a bandeira não serve apenas para identificar o patrono espiritual do grupo, mas, cumpre uma importante função simbólica dentro da performance ritual do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, pois, assim como Turner (1974, p. 29) afirma a respeito dos rituais: “[...] quase todo objeto usado, todo gesto realizado, todo canto ou prece, toda unidade de espaço e de tempo representa, por convicção, alguma coisa diferente de si mesmo. É mais do que parece ser e, frequentemente, muito mais.”.

São Benedito é objeto de uma forte devoção entre a comunidade católica de Santo Antônio da Alegria e dentro do universo congadeiro em geral. Negro, de origem africana e tendo sido escravo, sua imagem rapidamente remete a memória às origens históricas e culturais do Congado e é facilmente associada ao passado de sofrimento dos negros escravos no Brasil. São Benedito faleceu em 1589 na Itália, mas até hoje seu nome é fortemente relacionado à humildade, à piedade e à caridade, devido ao fato de ter ajudado os mais necessitados ao longo de sua vida, segundo as informações existentes a respeito dele. No imaginário religioso popular, ele é considerado um santo forte e milagroso, capaz de socorrer os fiéis nos momentos mais difíceis, em especial os devotos menos afortunados, tais quais os

congadeiros do Terno de Congo dos Irmãos Paiva que, em sua grande maioria, tem origens bastante simples. Durante as apresentações do Terno, a bandeira com a imagem do santo vem sempre à frente do grupo. Nesse sentido, é como se o próprio São Benedito pedisse passagem e guiasse o Terno pelas ruas, garantindo proteção espiritual aos que vêm logo atrás dele. Em sinal de devoção e respeito e para se mostrarem merecedores da proteção do santo, antes de saírem para a rua os congadeiros sempre beijam a bandeira e se benzem fazendo o sinal da cruz. O gesto é repetido por alguns transeuntes na rua e mesmo por congadeiros de outros ternos que cruzam com o Terno de Congo de Sainha ao longo do caminho.



Figura 5. O bandeireiro Tota Paiva com a bandeira do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2014.

Também é comum que se pendurem fotografias de pessoas doentes na bandeira, como forma de se pedir ao santo que tenha piedade e interceda pela saúde delas. Outra prática frequente é que as doações em dinheiro recolhidas ao longo do caminho também sejam afixadas com um alfinete na bandeira de São Benedito. Tal gesto é bastante significativo, pois muitas vezes, o grupo conta apenas com a intervenção do santo para levantar recursos financeiros e conseguir manter o Terno na ativa. Contando com pouco apoio da prefeitura

municipal e do poder público – realidade comum para quem se dedica à cultura popular no Brasil -, o grupo se vira como pode e sobrevive por meio de “vaquinhas”, doações de simpatizantes e, muitas vezes, tirando dinheiro do próprio bolso para custear as despesas, conforme afirma Luiz Paiva: “[...] é muito complicado [...] a gente tem que se virar, você entendeu, se vira nos trinta. Faz uma vaquinha pra fazer isso, fazer aquilo, entendeu? Então o pouquíssimo dinheiro que a gente ganha, mal dá pra você pagar os enfeites, você entendeu? É muito complicado” (LUIZ PAIVA, depoimento concedido à autora em 16.08.2014).

3. ENTRE CORTEJOS E PROCISSÕES: O REI E O DONO DA FESTA

Tradição secular, o Congado, ao longo do tempo passou por diversas modificações, sofreu perdas, ao mesmo tempo em que conservou muitos de seus ritos e de suas simbologias. De suas permanências, o cortejo do Rei do Congo continua sendo um dos rituais mais simbólicos e mais representativos das origens dessa manifestação cultural e religiosa. Em Santo Antônio da Alegria, essa tradição permanece e o cortejo com a Corte negra – também conhecida como Realeza - acontece nos quatro dias da festividade (conforme mostrado na figura 6). O Rei do Congo é a autoridade máxima dentro da Festa e, portanto, ela não pode ser iniciada sem a presença dele. Nesse sentido, diariamente é preciso ir buscá-lo em sua residência e levá-lo até a Praça do Rosário, onde ocorre a maior parte da performance ritual da Festa. Na cidade, a função de Rei do Congo cabe ao senhor José Benedito da Silva, mais conhecido como Dito Miquilino, de 67 anos de idade e que ocupa o cargo há 40 anos. Assim como ocorre com a função de capitão de terno e com as demais funções de destaque dentro do Congado, para chegar a Rei é preciso percorrer um longo caminho, ao longo do qual, por meio da vivência e da observação, se aprendem as práticas e os saberes da tradição, até tornar-se merecedor do cargo.

O Rei do Congo tem que ter a experiência e muito. Ele tem que ser congadeiro, primeiramente. Igualzinho nós, vamo na escola, vai na escola, aluno, pra depois ser professor. Se num souber, como é que você pode chegar lá? Assim tá eu aqui, o Rei do Congo. Eu fui dançante, dancei uns 10 anos, aí passei pra meirinho, de meirinho fui subindo. Aí fui pra Vice-Rei. Aí como faleceu o rei, eu fiquei no lugar, e tô no lugar até hoje graças a Deus! (JOSÉ BENEDITO DA SILVA, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).

De acordo com Silva (2005, p. 43), as performances rituais “constituem um espaço simbólico e de representação metafórica da realidade social, através de um jogo de inversão e desempenho de papéis figurativos que sugerem criatividade e propiciam uma *experiência singular*” (grifo do autor). Se, no passado, a coroação de uma Corte negra em plena escravidão representava resistência e subversão diante do domínio dos senhores brancos, hoje, em Santo Antônio da Alegria, essa inversão da lógica social ainda se mantém. Pois, é seu Dito Miquilino, um Rei negro, bastante desenvolvido e de olhar bem vivo, que comanda a Festa, recebe os congadeiros, os visitantes e as autoridades, soluciona e apazigua os conflitos e, do alto de sua autoridade, sempre dá a palavra final.



Figura 6. Corte da Festa do Congo participando do cortejo. FONTE: a autora, 2014.

Além do Rei, a Realeza é composta pela Rainha do Congo, que atualmente é a esposa de seu Dito Miquilino, Maria de Lourdes da Silva, de 66 anos e que ocupa o cargo há 38 anos. Há também o vice-rei do Congo, Roberto Artevaldo Pereira, de 73 anos, 14 deles na função. A Vice-Rainha, Maria José da Silva, de 73 anos, ocupa o cargo há 10 anos. Por fim, há, ainda, a figura do Príncipe São Benedito (Deocar José Tibúrcio) e da Princesa São Benedito (Francislene da Silva) - representantes de São Benedito - e da Princesa Isabel (Ana Maria de Almeida), em alusão à abolição da escravidão. De acordo com a vice – Rainha, tais funções são exercidas até a morte ou, nas palavras dela, “até Deus permitir”.

O cortejo é considerado um momento solene, do qual deve participar toda a Corte. Seu ponto de partida é sempre a casa do Rei do Congo. No horário combinado, na frente da residência se agrupam os ternos que participarão do ritual naquele dia. O Terno de Congo dos Irmãos Paiva nem sempre participa da ocasião, já que muitas vezes está se apresentando na casa de algum festeiro naquele momento. Já para o Terno de Moçambique de Canequinha da cidade a presença é obrigatória, pois ele é considerado o “dono da festa”, cabendo a ele a missão de buscar a Realeza e levá-la de volta para casa nos quatro dias da Festa, geralmente

acompanhado de mais um grupo. O meirinho, personagem importante dentro do Congado – cuja função será abordada mais adiante - também acompanha o cortejo, obrigatoriamente.

O cortejo ocorre geralmente no final da tarde e é marcado pelos batuques, pela cantoria e pelo bailado dos ternos, revivendo um ritual nascido há séculos, mas que continua vivo e forte nos dias de hoje. Anunciando e saudando a passagem dos nobres, o meirinho vai à frente soltando rojões. No fundo, após os ternos, vai a Corte, solenemente vestida com as roupas reais, compostas por mantos e tiaras delicadamente bordados à mão. As cores da indumentária variam de um ano para outro, mas, em geral, são cores claras, como branco e tons de rosa, para a maioria dos nobres. No caso do Rei, entretanto, o manto é sempre na cor azul, às vezes num tom mais claro, às vezes num tom escuro, já que esta cor é associada histórica e culturalmente à nobreza, às pessoas consideradas “de sangue azul”, além de ser fortemente associada ao universo masculino, ainda tido como o reduto do poder em nossa sociedade. Poder esse exercido pelo Rei de Congo dentro do contexto da Festa. Em sua cabeça, o Rei carrega a coroa dourada, também como forma de sinalizar sua posição de domínio e comando.

O cortejo segue até a Praça do Rosário, local onde a Realeza permanece sentada diante da Igreja do Rosário durante todo o desenrolar da Festa do Congo. Aos demais integrantes da Corte também cabe a missão de recepcionar os participantes e visitantes, entretanto, de todos eles, o Rei é o único que sempre fica até o fim, por mais cansativa que seja a missão. Caso ele não possa participar em algum momento, cabe ao Vice-Rei de Congo permanecer na Praça em seu lugar. Mas essa substituição raramente acontece, pois, apesar da idade avançada, seu Dito Miquilino ainda demonstra bastante disposição para reinar. Nem mesmo um acidente de carro, que o deixou temporariamente numa cadeira de rodas, o impediu de participar de toda a Festa em 2015. Para ele, só mesmo a vontade de Deus para impedi-lo de participar desse momento: “A sorte é que Deus não me chamou ainda, porque se eu for tem que deixar aqui quem eu ensinei, mas como os outros (se referindo aos que foram Rei antes dele) foram mais cedo, eu fui ficando. Deus falou ‘Cê vai ficando aí, cê vai ficando’. Então eu fui ficando, os outros foi” (JOSÉ BENEDITO DA SILVA, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).

Conforme já descrito, o cortejo com a Realeza obrigatoriamente deve acontecer com a presença do Terno de Moçambique de Canequinha da cidade. Considerados os ternos mais importantes dentro da tradição, em virtude da “preferência” manifestada por Nossa Senhora em relação a eles na narrativa fundadora do Congado, é deles o privilégio de fazer a escolta

dos nobres do Congo. Ao chegar à Praça do Rosário, diariamente o Moçambique de Canequinha – como é mais conhecido – faz a abertura das apresentações para os outros ternos, realizando uma performance ritual que relembra o sofrimento e as condições de vida dos negros no período da escravidão. Quase sempre de pés descalços, assim como os negros andavam, o Moçambique de Canequinha canta e toca saudando a Corte. O grupo se utiliza apenas de pandeiros, sanfonas, patagungas (chocalho de mão) e gungas, mais conhecidas como canequinhas – razão do nome do grupo – que, amarradas aos tornozelos, produzem um barulho característico conforme os moçambiqueiros se movimentam. Tal qual acontecia com os escravos que, muitas vezes, tinham as gungas amarradas aos tornozelos pelos feitores para que fossem facilmente identificados pelo barulho delas caso tentassem fugir. E assim, com o acompanhamento de poucos instrumentos musicais, a cantoria do grupo se destaca e ganha um tom de lamento. Após pedir licença ao Rei, o Moçambique de Canequinha finalmente entra na Igreja do Rosário para louvar e agradecer aos santos padroeiros da Festa. Somente após a performance é que os demais ternos têm autorização para se apresentarem na Praça.

Realizar uma performance é também desempenhar um papel, tal qual um ator. Dentro da performance ritual da Festa do Congo, o Moçambique ocupa um dos papéis principais, sendo considerado o dono da festividade. Nesse sentido, o capitão-mor do Terno de Canequinha é considerado autoridade no evento, estando logo abaixo dos membros da Corte dentro da hierarquia da Festa.

A capitania-mor do Terno de Canequinha cabe atualmente a Flávio Eduardo de Souza, de apenas 15 anos. Moçambiqueiro desde criança, ele assumiu a capitania aos 10 anos de idade, tendo herdado a missão de seu avô. Bastante conhecedor da história de seu grupo e da tradição do Congado, Flávio recorre a uma narrativa dos tempos da escravidão para explicar o porquê da vestimenta de seu grupo, composta por uma espécie de saia e por um lenço na cabeça. Ainda de acordo com ele, a indumentária do grupo é a mesma desde o início, sofrendo apenas algumas modificações nas cores de acordo com os santos da Festa homenageados no dia:

As nega veia da senzala ia lavar roupa na beira do rio, aí sempre elas via Nossa Senhora do Rosário. Aí elas contavam pros homens e os homens não acreditavam. Aí um dia um deles teve uma bela ideia: vamo se vestir de mulher porque aí a gente vê ela. E eles se vestiram de mulher: pôs saia, pôs lenço e foi pra beira do rio. Aí a Nossa Senhora do Rosário apareceu pra eles. (FLÁVIO EDUARDO DE SOUZA, depoimento concedido à autora em 05.09.2015).



Figura 7. Integrantes do Terno de Moçambique de Canequinha da cidade. FONTE: a autora, 2015.

Além da saia dourada e do lenço verde na cabeça (conforme mostrado na figura 7) utilizados por todos os integrantes do grupo em algumas apresentações – de acordo com o santo do dia - Flávio traz penduradas em seu pescoço diversas guias (ou seja, longos colares feitos de contas de diferentes cores comumente utilizados na umbanda), elemento que simboliza o forte sincretismo que caracteriza a tradição do Congado. Não apenas ele, mas diversos integrantes dos ternos vindos de fora, também acenam, por meio de guias e outros elementos, um pertencimento simultâneo ao catolicismo e às religiões de matriz africana. No contexto da Festa do Congo, esse sincretismo não é reprimido, pois, segundo Flávio, nenhuma autoridade tem poder para interferir nas práticas internas dos ternos. O uso das guias se justifica como forma de proteção espiritual para os congadeiros e moçambiqueiros, principalmente para os capitães. Conforme afirma Flávio: “isso aqui são as guias de umbanda, que a gente tem a força dos orixás. Tá entendendo, a gente tem que ter uma força espiritual, senão não vai. Todo terno tem uma força espiritual porque é tudo de nego veio, a origem é de umbanda”. (FLÁVIO EDUARDO DE SOUZA, depoimento concedido à autora em 05.09.2015).

Enquanto os almoços e os cortejos dominam o período da tarde, à noite é a vez das procissões e das missas tomarem parte, já que, em Santo Antônio da Alegria a Festa não é apenas folclórica, mas também é religiosa. Nos quatro dias, as imagens dos santos patronos ficam em exposição na Igreja do Rosário, à espera das súplicas e das orações dos devotos, principalmente na parte da noite, quando a Praça do Rosário fica cheia em função das apresentações dos ternos. Nos dois primeiros dias, por volta das sete horas da noite, as imagens são colocadas em andores e carregadas pelos fiéis até a Igreja da Matriz (conforme figura 8). São duas imagens por noite, sempre um casal de santo: São Roque e Santa Catarina na primeira noite; São Benedito e Santa Efigênia na segunda; e Nossa Senhora do Rosário e São Domingos na terceira. A cada dia um terno diferente é escolhido para percorrer o trajeto juntamente com o Terno de Canequinha, que participa de todas as procissões. O Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva sempre participa de ao menos uma procissão durante a Festa.



Figura 8. Procissão com santos da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2014.

Dentro da tradição católica, as procissões são rituais realizados em ocasiões solenes e como parte de festividades ou de comemorações importantes. Retirar os santos padroeiros de

dentro da Igreja do Rosário para percorrer as ruas é uma forma de sacrifício em nome da fé - já que os andores com as imagens são pesados e são carregados nos ombros dos fiéis - e também uma maneira de espalhar as graças concedidas por eles. Além dos ternos, as procissões sempre contam com a presença da Corte e de pessoas da comunidade. Ao longo do caminho, o meirinho sempre vai à frente soltando rojões e diversas pessoas saem de suas casas para observar a passagem do grupo.

A procissão chega à Igreja Matriz, onde o padre já espera. Os membros da Realeza e os bandeireiros de cada terno sempre se sentam nos primeiros bancos. A missa segue a liturgia comum da Igreja Católica, sem grandes intervenções dos congadeiros. Em algumas ocasiões, alguns integrantes dos ternos se juntam ao coral da Igreja da Matriz para participar dos cantos. No final da missa, a procissão faz o caminho de volta para levar as imagens à Igreja do Rosário. Próximo à Igreja do Rosário, ainda na rua, a procissão é obrigada a se espremer entre as diversas barraquinhas de comerciantes que já estão montadas em volta da Praça do Rosário para a diversão do público que começa a chegar.



Figura 9. O meirinho José Eraldo Vilar (esquerda) e o meirinho-geral Benedito Lourenço de Almeida (direita) acertando detalhes da Festa do Congo com o Rei de Congo (ao centro). FONTE: a autora, 2014.

O retorno da procissão para a Igreja do Rosário também é marcado pelo acompanhamento do meirinho, sempre à frente não apenas desse ritual, mas também dos cortejos, dos almoços e de toda a dinâmica da Festa. Assim como o Rei do Congo e os moçambiqueiros da cidade, o meirinho é presença quase onipresente dentro dos acontecimentos dos quatro dias. As origens dessa denominação remontam à Idade Média portuguesa, passando pelo Brasil colonial, no qual havia a figura do meirinho, profissional responsável por intimar, penhorar, prender e cumprir ordens judiciais vindas de juízes e autoridades judiciárias, aproximando-se bastante da figura do oficial de justiça que temos hoje. A análise simbólica proposta por Turner se baseia em uma abordagem focada nos

“símbolos individuais, em seus campos semânticos e destino processual na medida em que se movimentam através do cenário de uma performance ritual específica e reaparecem em outros tipos de ritual, ou mesmo se transferem de um gênero para o outro, por exemplo, do ritual para um ciclo mítico, para um épico, para um conto [...]” (TURNER apud CAVALCANTI, 2013, p. 414, tradução da autora).

Do contexto jurídico, atuando como símbolo de garantia do cumprimento e do bom funcionamento da lei, a figura do meirinho foi transferida para o universo do Congado, desempenhando até hoje o papel de zelar pelo andamento da festividade e assegurar que seus rituais e fundamentos sejam cumpridos e respeitados. É imprescindível, pois, que o meirinho esteja presente em quase todos os momentos da Festa. Para dar conta das obrigações e garantir a cobertura dos acontecimentos, em Santo Antônio da Alegria há quatro pessoas desempenhando a função. Alcides Rodrigues Alecrim ocupa a função de meirinho de honra, pois devido a problemas de saúde ele não consegue mais exercer suas atividades. Antônio Venâncio da Silva é meirinho, mas como se apresenta com o Terno de Moçambique da cidade durante a Festa, ele também fica impossibilitado de exercer a função. Na prática, quem exerce a missão é José Eraldo Vilar, de 48 anos e Benedito Lourenço de Almeida (conforme a figura 9), mais conhecido como seu Dito, de 73 anos, que ocupa a função de meirinho-geral.

Aos meirinhos, cabe zelar pelo cumprimento da parte religiosa e folclórica da Festa. Dessa maneira, eles acabam exercendo papel de coordenação, tendo que dar conta de diversas obrigações: recepcionar, ajudar e coordenar os ternos da cidade e os de fora; acompanhá-los durante a apresentação pelas ruas; combinar horários de almoço na casa de festeiros; acompanhar e direcionar os cortejos e as procissões; organizar os detalhes das apresentações e por aí vai. Trata-se de algo cansativo, já que durante a Festa eles passam quase o dia todo na

rua ou na Praça, sendo um dos últimos a irem embora, mas de acordo com José Eraldo, é gratificante.



Figura 10. Benedito Lourenço de Almeida, meirinho-geral da Festa do Congo, acompanhado das crianças do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2014.

Já seu Dito (mostrado na figura 10), um senhorzinho de aparência frágil e com anos de experiência dentro da Festa, ao explicar sua entrada na função revela que considera uma benção de Deus o fato de ser um meirinho:

Cê sabe como é que eu cheguei aqui a meirinho nessa cidade? No primeiro ano eles pediram pra mó de eu levar uns terno na casa do festeiro. Então eles pediro quando foi no outro ano seguinte eles falou pra mim “Ó, nós quer o senhor de meirinho aqui junto de nós”. Falei “Não, eu vou ser meirinho mas eu não vou pegar a faixa porque eu não sei se vai dar certo”. Mas aí fui meirinho, Deus abençoou, a Irmandade do Rosário me chamou pra mó de eu ser meirinho, então eu tô sendo meirinho até hoje graças a Deus. E eu sinto muito feliz de tá nessa festa. (BENEDITO LOURENÇO DE ALMEIDA, depoimento concedido à autora em 05.09.2014).

4. NA FESTA DO CONGO: O ESPETÁCULO DO TERNO DE CONGO DE SAINHA DOS IRMÃOS PAIVA

Além do caráter religioso, a Festa do Congo possui também seu lado festivo e comercial. Durante os quatro dias da festividade, dezenas de barracas lotam a Praça e as ruas ao lado da Igreja do Rosário vendendo comida, roupas, brinquedos, calçados e utilidades domésticas. À noite, após a missa, o entorno da Igreja é tomado pelos moradores e por visitantes vindos da região, especialmente a partir do segundo dia de festa, quando o local fica mais cheio ainda, em virtude do grande número de ternos que vêm de fora para se apresentar (conforme a figura 11).



Figura 11. Praça do Rosário à noite. FONTE: a autora, 2015.

Na Praça do Rosário, a arquibancada montada para o público fica lotada e, em volta dela, centenas de pessoas assistem às apresentações em pé. É o auge da Festa do Congo, momento no qual as performances dos ternos se realizam em contato próximo com o público e alcançam a dimensão de um espetáculo. A plateia, inclusive, tem seus artistas preferidos e

vibra com mais força quando o Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva, o Terno de Congo Sabiá e o Terno de Congo Xambá (os dois últimos vindos de São Sebastião do Paraíso – MG) se apresentam. Pelo microfone, a mestra de cerimônias conduz as apresentações, anunciando os ternos e interagindo com eles. São diversos grupos, oriundos principalmente das cidades da região e de Minas Gerais e a Festa não tem hora para acabar. Cada grupo tem quinze minutos pra se apresentar, mas alguns acabam extrapolando o tempo.

Nos cantos e nos versos, muitas vezes feitos de improviso, os ternos agradecem ao prefeito e à coordenação do evento e saúdam os nobres e os meirinhos, que permanecem o tempo todo na Praça do Rosário, cumprindo suas missões. Os capitães e puxadores das músicas louvam a Irmandade do Rosário e o santo de devoção de cada grupo. Alguns ternos cantam músicas bastante conhecidas, que já fazem parte do imaginário popular da população, como Calix Bento e Sabiá, enquanto outros usam a base musical delas para improvisar uma letra própria. Na performance de vários grupos é possível ver claras referências à origem negra e ao caráter sincrético do Congado, por meio das canções que se referem à Zumbi dos Palmares, a senzalas e a pretos velhos e pela presença de terços católicos e de guias de umbanda nos pescoços dos congadeiros.

A indumentária do Terno de Congo de Sainha (mostrada na figura 12), por si só, já o destaca com facilidade dos demais ternos. Dentro do contexto da festa popular, a indumentária atua como elemento diferenciador, distinguindo um grupo/personagem de outro e como elemento identificador, dando ao seu usuário uma nova identidade. No caso dos integrantes do Terno de Congo dos Irmãos Paiva, ao vestirem a indumentária, eles assumem a identidade de congadeiros, e mais do que isso, congadeiros pertencentes a um terno específico, diferenciando-se dos demais grupos. Além disso, ela está imbuída de um forte caráter estético e simbólico, pois:

A indumentária é um dos elementos fundamentais da festa popular e que colabora profundamente para a visualidade do espetáculo, como objeto cênico emblemático capaz de compor e materializar personagens. Certamente em sua conotação cênica vai além do vestir (proteger, ornamentar, cobrir), libertando-se do real e do decorativo na intenção de um referencial estético simbólico. (MOURA, 2010, p. 104).

Enquanto os outros grupos, em geral, vestem calças e camisas adornadas, os integrantes do Terno de Sainha dos Irmãos Paiva – tanto os homens quanto as mulheres e as crianças - usam uma espécie de vestido de cetim na cor rosa vibrante repleto de laços coloridos e com uma listra verde na parte de baixo. Segundo os integrantes do Terno, em todo

o país apenas eles usam vestido, razão pela qual o grupo carrega o termo “sainha” em seu nome. Por cima dele, duas faixas coloridas de cetim transpassadas na forma de um X e amarradas com outra faixa na cintura. Por baixo da saia do vestido, um calção amarelo também com listras verdes na barra. A vestimenta, chamada por eles de farda - em mais uma clara referência ao universo militar, bastante presente dentro do Congado - é a mesma desde o início do grupo e, de acordo Luiz, tem um significado especial:

Essa roupa, na época do Império usava uma roupa dessa, só que com vestido longo, e as mulheres da roupa do Império antigamente usava a roupa de baixo com um tipo de short até aqui que vinha com outra meia, certo? Só que o vestido delas era mais alongado, então nós encurtamos para aparecer essa parte. Agora o rosa foi meu pai que escolheu porque pra nós simboliza a cor da felicidade, que os negros ficam muito feliz pela libertação, então essa é a cor da felicidade, tanto é que hoje nosso grupo, a gente é reconhecido às vezes no meio do pessoal porque a cor destaca muito. O vestido, essa faixa o símbolo da paz que a gente usa, e essa cor o azul, o azul a gente usa porque dá um contraste legal com o rosa. (LUIZ PAIVA, depoimento concedido à autora em 16.08.2014).



Figura 12. Crianças do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva com a farda completa. FONTE: a autora, 2014.

Na cabeça, eles sempre usam um capacete rosa composto por três círculos na parte da frente que, segundo Luiz, são uma homenagem à Santíssima Trindade, composta por Pai, Filho e Espírito Santo dentro da doutrina católica. O capacete lembra uma coroa, em referência à Princesa Isabel, responsável pelo fim da escravidão. Os capacetes são todos cuidadosamente enfeitados à mão com lantejoulas, miçangas, canutilhos, fitas, pedrarias, mini terços e flores de papel, de modo artesanal e ao gosto do seu dono. Na parte de trás, diversas fitas coloridas finalizam a ornamentação do capacete (conforme mostrado na figura 13).



Figura 13. Detalhes da parte do trás do capacete do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva. FONTE: a autora, 2015.

A performance musical do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva também contribui bastante para o sucesso do grupo junto ao público da Festa. O Terno conta com cerca de 50 integrantes quando está em sua formação completa. Dessa forma, é possível utilizar uma gama variada de instrumentos, contribuindo para a riqueza musical do grupo: caixas de couro, pandeiros, repiques, tamborins, sanfona, violão e timba. A sanfona é um dos

principais instrumentos, pois é ela que dá início ao enredo musical e ao bailado do grupo, além de servir de guia para o apito do capitão. O apito define a hora de começar e encerrar a música. As caixas dão o compasso da música, já que sua batida não deixa os outros instrumentos saírem do ritmo.

O canto do Terno dita a maneira de tocar, cantar e de o grupo se organizar, já que há várias maneiras de se tocar e cantar, de acordo com a ocasião. Os versos também variam de acordo com o momento, pois são criados na hora, na forma de repentes, muito comuns dentro da cultura popular brasileira:

[...] os versos são repente que a gente tem que fazer, entendeu, não é verso já gravado. Conforme o que cê vê ali é o que cê vai cantar. Então não tem como cê já vim na cabeça, fala pô já vou fazer esse aqui, não tem como. Então por exemplo, suponhamos que eu vou te ver ali na frente, entendeu, aí eu vou cantar um verso e vou te oferecer esse verso. Se eu ver o presidente da festa, vou cantar um verso pra ele, fazer uma homenagem pra São Benedito, entendeu? (LUIZ PAIVA, depoimento concedido à autora em 16.08.2014).

Há ainda o bailado, bastante aguardado pelo público e no qual os congadeiros levantam suas caixas para o alto e desenvolvem diversas coreografias, entre os quais o “sapinho”. O “sapinho” é realizado apenas por alguns integrantes, em geral os mais experientes dentro do grupo e consiste em pulos seqüenciais que o congadeiro dá de um lado para outro enquanto está agachado e ao mesmo tempo em que toca sua pesada caixa. Considerada difícil, por exigir bastante esforço físico, é uma coreografia reservada para momentos especiais, como as apresentações nas noites da Festa do Congo, nas quais arranca aplausos do público.

Além de tudo isso, a grande presença de crianças no Terno se constitui em um forte diferencial em relação aos demais e também contribui para atrair o olhar do público. Usando a mesma indumentária dos adultos e sempre tocando pandeiros, elas os acompanham em todas as ocasiões, absorvendo os saberes e as práticas do grupo por meio da observação e da imitação, “segundo os padrões típicos da reprodução popular do saber, ou seja, oralmente, por imitação direta e sem a organização de situações formais e eruditas de ensino-e-aprendizagem”, como salienta Brandão (1986, p. 46). Isso fica bastante nítido quando, durante as apresentações, se percebe as crianças olhando na direção dos adultos e tentando copiar a seus gestos e suas coreografias (conforme figura 14).

Enquanto o Terno dos Paiva se apresenta na Praça do Rosário, do outro lado, atrás da arquibancada, a quermesse ferve e vai madrugada adentro (figura 15). Show de música sertaneja, barracas de comida, grande presença de jovens e muita, muita cerveja, num forte contraste com a parte religiosa da Festa. É o sagrado e o profano, a fé e a diversão, convivendo lado a lado, pois, “[...] embora sob o controle de princípios religiosos, onde o sentimento coletivo da ‘presença do sagrado’ pode ser observado em ‘atos de fé’ [...], o espaço da festa abarca muitas conversas, músicas, ruídos e risos.” (CARNEIRO, 2008, p. 41). Ali, o volume do baile sertanejo é tão alto que abafa a cantoria dos ternos do outro lado, como se a dimensão religiosa da Festa nem existisse. Entretanto, no lado das apresentações dos ternos, o barulho da quermesse é ouvido e causa uma confusão de sons, chegando inclusive a atrapalhar o desenvolvimento da parte musical dos ternos.



Figura 14. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva na Praça do Rosário na noite do terceiro dia da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2015.

As barracas também dominam o ambiente da Festa, vendendo bebidas, comidas, roupas, calçados, bolsas, brinquedos, utilidades domésticas e quinquilharias. Apesar de ser uma festa folclórica e religiosa, apenas uma barraca, meio que escondida atrás da Igreja,

comercializa artigos relacionados ao tema da Festa. Por outro lado, as toalhas do Frozen (filme da Walt Disney lançado em 2015) e os bonecos da Peppa Pig (personagem de desenho infantil bastante famoso entre as crianças) são encontrados às centenas. Em diversas barracas, caixas de som tocando música pop ou estrangeira em alto som, disputando espaço com o som do sertanejo e com os cantos dos ternos e criando uma promiscuidade sonora irritante. Na rua de trás da Igreja, um mini parque de diversões faz a alegria das crianças.



Figura 15. Detalhe da quermesse durante a Festa do Congo. FONTE: a autora, 2015.

Essa confusão, essa mistura de sons e de ambientes desagrada principalmente aos congadeiros mais velhos, que consideram que a parte profana da Festa acaba ofuscando o brilho do Congado, sendo que ele é que deveria ser o centro. Por outro lado, há quem defenda essa coexistência de ambientes tão diversos e também das barracas, como forma de atrair o público. Fato é que a Praça do Rosário fica cheia, lotada pela presença do público e também dos congadeiros, que após se apresentarem, assumem o papel de público e passam a circular por entre a Festa, em geral consumindo muita cerveja.

O terceiro dia da Festa do Congo sempre cai num domingo e é o mais longo de todos. Enquanto os dois primeiros dias seguem uma mesma estrutura, no terceiro dia há uma alteração na dinâmica ritual da festividade. Nesse dia, a missa e a procissão são realizadas logo pela manhã, a partir das 8 horas. A missa é especialmente dedicada ao Congado, entretanto, os congadeiros raramente comparecem a ela, e isso se deve, em parte, ao fato de a Festa do Congo sempre terminar tarde na noite anterior, o que faz com que muitos não acordem cedo para a missa do domingo de manhã. A celebração litúrgica acaba por volta das 9 horas e tem início a procissão (conforme figura 16). Apesar de os santos patronos do dia serem apenas Nossa Senhora do Rosário e São Domingos, todos os seis santos participam do ritual nesse terceiro dia. Os andores são retirados da Igreja e carregados nos ombros dos fiéis da comunidade. À frente do grupo, uma menina carregando uma cruz grande de madeira, lembrando aos fiéis o sofrimento e o sacrifício de Jesus Cristo em prol da humanidade. Ao lado dela, seu Dito, o meirinho-geral, vai indicando o caminho. Logo atrás, o padre e a comunidade rezando o Pai Nosso e a Ave Maria, louvando a Irmandade do Rosário e entoando cantos que ressaltam a dimensão religiosa e folclórica do Congado.



Figura 16. Procissão após a missa no domingo de manhã. FONTE: a autora, 2015.

O trajeto é curto, pois eles apenas dão a volta nos quarteirões ao redor da Praça do Rosário. A ausência do batuque dos ternos dá à procissão um caráter silencioso e meditativo, por vezes quebrado pelo forte odor de urina vindo das calçadas e pela presença de mesas e cadeiras no meio do caminho. Resquícios da diversão da noite anterior.



Figura 17. Benedito Adalberto Dias, mesário da Festa do Congo. OFERTA: a autora, 2014.

Os andores são depositados de volta na Igreja do Rosário e os fiéis vão embora. Permanecem na Praça do Rosário, o Rei e os meirinhos, dando início aos preparativos do dia, pois hoje as apresentações começam mais cedo. Na porta da Igreja, surge mais um personagem importante dentro da Festa: o mesário. Benedito Adalberto Dias (mostrado na figura 17) tem 77 anos e há mais de 50 anos herdou do pai a missão de receber ofertas em

dinheiro na porta da Igreja. A função é revezada com outros dois mesários. Como as doações são direcionadas para manter a Igreja, é à fé dos fiéis que ele recorre para angariar mais recursos. “O mesário fica aqui, tem uma mesinha, coloca São Benedito, esse aqui é o santo que o povo aplica mais fé nele. O povo vem e beija São Benedito, deixa uma ofertinha. Se não colocar ele, não há muita esmola, São Benedito é poderoso, é o santo...ele foi cozinheiro em vida, você sabe né?” (BENEDITO ADALBERTO DIAS, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).

A missão de arrecadar doações para a manutenção da Igreja também cabe às abrideiras de mesa. Estas são meninas que fazem o trajeto da casa delas até a Igreja do Rosário com um pires na mão arrecadando dinheiro. Sempre na companhia do Terno de Moçambique de Canequinha, antigamente o ritual era feito todos os quatro dias pela manhã para que as meninas “abrissem a mesa” logo cedo, ou seja, deixassem o dinheiro arrecadado com o mesário na porta da Igreja, dando abertura ao recebimento das ofertas. Entretanto, os rituais são dinâmicos e sofrem transformações, muitas vezes causando modificações e lacunas na estrutura das performances. O ritual de “abrir a mesa” não tem mais ocorrido, pois as atuais abrideiras - Maria Eduarda Miquilino e Verônica Miquilino – netas do Rei do Congo, já não realizam mais o ritual, pois segundo o avô, elas estão moças e não querem mais cumprir a missão.

5. NA PRAÇA DO ROSÁRIO: OS SANTOS E A DESCIDA DAS BANDEIRAS

Por volta das 10 horas do domingo, a Praça do Rosário começa a se movimentar. As barracas Festa do Congo já começam a abrir. Pessoas da cidade e visitantes de fora começam a chegar e se demoram dentro da Igreja do Rosário. Ali, se cumpre outro ritual. Como demonstração de fé, de devoção e de esperança, as pessoas se aproximam das imagens dos santos patronos e se demoram diante delas. Seja para pedir ou para agradecer, permanecem concentradas, rezando em silêncio ou em voz baixa. Segundo Turner (1974, p. 16), as crenças e as práticas religiosas possuem extrema importância para a manutenção e a transformação das estruturas humanas. Para a comunidade católica de Santo Antônio da Alegria, a crença e a fé nos seis santos da Irmandade tem o poder de realizar fatos extraordinários, milagrosos, principalmente quando a devoção é manifestada dentro do período da Festa (verificar figura 18). E especialmente nos momentos coletivos de demonstração de fé, quando se forma uma corrente positiva de pensamentos, na frente da Igreja do Rosário. No passado, como forma de pagar promessas e agradecer pelas graças alcançadas, era comum pessoas comparecerem acorrentadas à Praça do Rosário, como forma de reviver o passado de sofrimento dos escravos e se mostrarem merecedores da graça alcançada. Quando a promessa se direcionava a saúde de uma criança, esta era levada à vestida de anjo: de túnica branca e asas postiças, encarnavam a figura celestial do anjinho, bastante presente no imaginário popular religioso, evocando a inocência e a pureza da criança.

Dos seis santos patronos, Nossa Senhora do Rosário e São Benedito são os mais populares entre os frequentadores da Festa do Congo. Apesar disso, dentro da tradição, há espaço para todos e a inclusão deles dentro do quadro de santos a serem cultuados no Congado, se deve muito à trajetória singular de vida deles, trajetórias essas que de alguma maneira se encontram com elementos que marcam o universo congadeiro, sejam relativos à época dos escravos, sejam relativos aos dias de hoje, pois “[...] o campo das tradições abarca práticas que possuem seus significados primeiros em lugares do passado, mas que se relacionam de forma intercambiável com o presente, adaptando a prática tradicional a um contexto histórico atual” (ALVIM, 2008, p. 23-24).

A devoção a Nossa Senhora é explicada pelos congadeiros por meio da narrativa do encontro da santa no deserto, que teria dado origem à tradição do Congado. A presença do terço em suas mãos atua como um convite para que os fiéis se coloquem em oração por meio

do rosário, oração considerada poderosa dentro da doutrina católica e bastante eficaz em situações de sofrimento, fato que se liga tanto a condição de vida imposta aos negros escravos no passado, quanto às situações de dificuldades – emocionais, financeiras, de saúde – enfrentadas pelos fiéis de hoje. A veneração a São Benedito, conforme já explicado, se deve não apenas à história de vida dele, mas também ao fato de ele ser negro. Assim como Santa Efigênia, que também era negra e é considerada uma das difusoras do Cristianismo na Etiópia, o que, dentro da visão de mundo dos fiéis católicos, equivale a “salvar” os negros das suas crenças ancestrais, consideradas pagãs pela Igreja Católica. São Domingos é considerado o criador da devoção ao rosário, após Nossa Senhora ter aparecido para ele por volta do ano 1200 e, portanto, é visto como um grande difusor da devoção à oração e também à santa. São Roque teve uma vida marcada pela realização de diversas curas milagrosas de doenças e pela caridade, surgindo como uma figura piedosa, auxiliadora das pessoas mais humildes, tais quais os congadeiros do passado e os de hoje. Por fim, Santa Catarina (de Sena), que também se dedicou à caridade em vida, nos anos 1300 na Itália, além de ter desafiado o poder político de sua época, assim como o Congado, que representou uma forma de subversão política e social na época de seu surgimento.



Figura 18. Três dos santos patronos da Festa do Congo, expostos na Igreja do Rosário. Da esquerda para a direita: Santa Efigênia, Santa Catarina e São Roque. FONTE: a autora, 2014.

À devoção aos seis santos se alia a Igreja do Rosário (figuras 19 e 20), erguida em honra a Nossa Senhora do Rosário. Apesar de pequena, a Igreja tem uma enorme importância para o Congado da cidade. Foi construída há mais de um século, de acordo com o meirinho-geral, devido à forte tradição congadeira que já se manifestava na cidade. É pintada de azul por dentro e por fora, em referência à cor do manto de Nossa Senhora do Rosário. Atrás do altar, a imagem da santa com o Menino Jesus nos braços e o rosário na mão, elemento que a identifica. De cada lado dela, as imagens de São Domingos e de Santa Catarina. A cena se repete no teto, em forma de pintura. Pela Igreja, há diversas simbologias associadas a narrativas bíblicas. No teto e no chão, doze estrelas brancas lembrando os doze apóstolos. No teto, a imagem da pomba branca, símbolo do Divino Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade. Do lado de fora, em cima da Igreja, Nossa Senhora do Rosário e, de cada lado, anjos com trombetas, em referências a diversas passagens bíblicas nas quais essas figuras celestiais aparecem tocando esse instrumento.



Figura 19. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva dentro da Igreja do Rosário. FONTE: a autora, 2014.



Figura 20. A Praça do Rosário com a Igreja do Rosário ao fundo. FONTE: a autora, 2014.

De frente para a Igreja, na Praça, a hora avança, mas o Rei permanece pacientemente a espera dos ternos de fora, que invariavelmente sempre se atrasam. Hoje é o dia com o maior número de apresentações e a Festa só vai acabar por volta das 23 horas. O meirinho-geral, já irritado pela demora, comenta que o atraso sempre se dá por culpa do almoço que os congadeiros recebem ao chegar à cidade. Custeado por doações de festeiros que não podem receber ternos em casa, a refeição é sempre servida em uma escola municipal e algumas vezes conta com a presença do Terno de Sainha dos Irmãos Paiva, que deixa de receber o almoço na casa do festeiro para participar desse almoço coletivo. O problema é que esse almoço sempre atrasa e, conseqüentemente, os congadeiros demoram a ir até a Praça. Antes e depois de comer, os ternos se apresentam dentro do refeitório e agradecem pela refeição. Nesse momento, é comum que integrantes de um terno beijem a bandeira do outro e se bençam logo em seguida, repetindo uma cena bastante comum dentro da Festa do Congo e que se configura como um respeito entre os grupos. Após o almoço, alguns ternos se apresentam pelas ruas da cidade.



Figura 21. Integrantes de ternos de fora participantes da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2014.

Por volta do meio dia, quando a quantidade de ternos na Praça do Rosário já é grande. A Realeza assume seu lugar em frente da Igreja, o prefeito e as demais autoridades se ajeitam e os meirinhos permanecem em pé, sempre prontos para agir. As apresentações começam, e assim como nos demais dias, tem início um ritual de ressignificação do cotidiano dos congadeiros e dos espectadores, um ritual de renovação do legado do Congado. O público ainda é pequeno e a arquibancada ainda possui diversos lugares vazios. Em pé, aos poucos vão sendo contagiados pelo batuque e pela cantoria dos ternos. Assim como o Congado, que surgiu como uma manifestação popular e simples, sem luxos ou exageros desnecessários, as pessoas que assistem os ternos, em sua maioria, também são pessoas simples, que buscam ali não apenas uma diversão, mas uma forma de demonstração de fé e devoção. “Não é festa pra rico, é uma festa popular, pra pessoas médias, pras pessoas que gostam, que têm uma religião”, conforme afirma senhor Roberto Artevaldo, o Vice – Rei da Festa do Congo. (ROBERTO ARTEVALDO PEREIRA, depoimento concedido à autora em 06.09.2015).

Ao longo da tarde, mais ternos de fora vão chegando para a Festa. Alguns vêm de cidades da região, enquanto outros são de locais mais distantes. Há grupos de fora que participam da Festa há décadas, e essa fidelidade se explica muito pelo fato de a festividade

preservar tanto o lado religioso quanto o lado folclórico da tradição, ao contrário de outras cidades, nas quais muitas vezes só se celebra a parte folclórica do Congado. O público também vai aumentando e à noite a Praça do Rosário está lotada novamente. As apresentações só se encerram por volta das 23 horas e o último terno a se apresentar sempre tem a honra de levar o Rei do Congo embora para casa.



Figura 22. Integrante de terno de fora participante da Festa do Congo. FONTE: a autora, 2014.

O dia seguinte, o último dia da Festa, sempre cai na segunda – feira e sempre é feriado na cidade. Nesse dia, não ocorrem procissões nem missas, mas se mantêm os demais rituais. Por volta do meio-dia, os integrantes do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva começam a se reunir para mais um almoço na casa de um festeiro. O encontro sempre ocorre na casa onde dona Geralda Paiva morou por décadas e, apesar de falecida, a matriarca dos Paiva ainda se faz bastante presente nas lembranças do grupo. A casa está vazia, mas guarda em si a essência e as memórias de mais de um século de vivência do Terno no Congado. É lá que ficam guardados os instrumentos, a bandeira e algumas relíquias do grupo, como lembranças de apresentações ocorridas há décadas. Enquanto não chega a hora de sair, os congadeiros permanecem ali: as risadas, as conversas, o vai e vem em busca de algum

acessório que sumiu, o jogo de baralho na mesinha do fundo, a algazarra das crianças, as caixas de couro ao sol para que o som saia melhor, a irreverência dos mais jovens e seus óculos coloridos, o aquecimento dos instrumentos, o cigarro de palha na boca dos mais velhos, os causos da Festa do dia anterior (conforme figura 23). O fogão de lenha, as cortinas de tecido separando os cômodos, as galinhas no quintal, as paredes velhas: marcas da simplicidade e da longa história da família Paiva e de seus companheiros junto ao Congado.



Figura 23. Integrantes do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva no quintal da casa de dona Geralda. FONTE: a autora, 2015.

O finzinho da tarde chega e o Terno mais uma vez se dirige para a Festa. Tocando e bailando, ele percorre o trajeto até a Igreja do Rosário. A Praça está lotada. As apresentações continuam. As barracas estão cheias e a quermesse atrás da arquibancada também. O fim da Festa vai se aproximando. Por volta das 21 horas, são anunciados os nomes dos festeiros do próximo ano. A mestra de cerimônia pede para todos os ternos e as autoridades presentes se aproximarem da frente da Igreja. O Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva e o Terno de Moçambique de Canequinha também se aproximam. O momento é solene e pede discursos: Rei do Congo, Vice-Rei, prefeito e presidente da Festa do Congo ressaltam a importância da

festividade para a cultura e para a religiosidade de Santo Antônio da Alegria e para a divulgação do nome da cidade e agradecem a todos que colaboraram para o brilho e o bom andamento da Festa.



Figura 24. Arriamento das bandeiras na Festa do Congo. FONTE: a autora, 2015.

Tem início o arriamento das bandeiras (figura 24), um momento bastante aguardado. Enquanto ritual, o arriamento marca o fim da Festa, o fechamento de um ciclo que começou cerca de um mês antes, com o levantamento dos mastros e se intensificou nos últimos quatro dias, com o calor da Festa. Um ciclo de fortalecimento e reafirmação da fé e da devoção de uma comunidade e de renovação e ressignificação da tradição do Congado. É o momento em que toda a performance ritual da Festa se completa, se finaliza.

Enquanto as bandeiras descem, a Praça toda se agita em meio a palmas, rojões e batuques dos ternos. A Festa termina. A Realeza se despede e é levada embora em cortejo, acompanhada por um terno. As bandeiras são entregues a seus respectivos responsáveis e cada um deles é acompanhado por dois ternos até sua residência, onde as bandeiras ficarão

guardadas até o próximo ano. Em 2015, o Terno de Sainha escolta a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e São Domingos até a casa da guardiã. No caminho, o grupo vai passando pelas barracas, que já começam a ser rapidamente desmontadas, pois o público já começou a ir embora. Ao chegar à casa da responsável pela bandeira (conforme figura 25), um por um os ternos cantam e rezam para o casal de santo e vão se despedindo. Terminada a missão, o Terno de Sainha dos Paiva segue seu caminho em direção à casa de dona Geralda.



Figura 25. Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva se despedindo da guardiã de uma das bandeiras da Festa do Congo. FONTE: o autor, 2015.

A volta tem um sabor melancólico. Depois de quatro dias intensos de Festa, em meio às tradições do Congado, é hora de se despedir. Nos quatro dias de Festa, a dinâmica da vida é alterada e o tempo parece ganhar um ritmo diferente. As andanças pelas ruas seguindo cortejos e procissões, a correria para acertar detalhes, a repetição diária de gestos e de rituais, o almoço na casa dos outros com sabor de banquete, o cansaço do corpo, o encontro com os colegas na Praça, a oração aos santos na Igreja, a comilança nas barraquinhas, o castigo do sol nas apresentações, o dia todo passado na rua.

A Festa do Congo provoca diversas situações e sensações. É uma experiência singular, que só acontece uma vez no ano. O ritual “conduz a uma espécie de redenção pela imersão na experiência vital compartilhada, onde o tempo vira fluxo, finitude, aflições, sofrimento, cura, contradições, e sempre empatia e afeições” (CAVALCANTI, 2013, p. 415). Depois de quatro dias em meio à magia do Congado, é hora de voltar à rotina. Com o passar dos dias, as impressões dos momentos vividos na Festa vão ficando mais fracas e dando lugar às imagens do dia a dia. Mas para os que têm fé no Congado, a experiência continua, ela não cessa, sempre alimentada pelos pequenos rituais do cotidiano, pelas promessas a São Benedito, pelas orações a Nossa Senhora do Rosário. A performance do Terno de Congo de Sainha vai continuar se realizando em alguns eventos, nem sempre com a mesma força, nem sempre na mesma dimensão, nem sempre com as mesmas simbologias. Mas o congadeiro não desanima. Ano que vem tem Festa do Congo de novo e o Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva mais uma vez vai brilhar e levantar a plateia com seus batuques, seus cantos, seu bailado, suas roupas, sua presença, enfim, com toda a sua performance ritual.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de sua existência, o Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva desenvolveu uma performance ritual própria que contribuiu para que ele se tornasse um dos maiores representantes do Congado no estado de São Paulo. A realização dessa performance tem como momento máximo a Festa do Congo realizada anualmente na cidade de origem do grupo e que se constitui no evento de maior importância para eles. Nesse sentido, o presente trabalho objetivou identificar os elementos rituais e simbólicos presentes no Terno e na Festa que, em conjunto, compõem a performance ritual do grupo. Posteriormente, foi feita a interpretação dos elementos identificados, procurando descobrir os valores, as crenças, a visão de mundo na qual eles se sustentam.

Diante das interpretações realizadas, conclui-se que as formas rituais e as ações simbólicas presenciadas nas performances do Terno e da Festa em grande medida se explicam com base em crenças e valores presentes na religiosidade popular brasileira, com base em elementos vindos do catolicismo europeu e de religiões africanas. Além disso, elas também se explicam com respaldo em elementos folclóricos - próprios do universo do Congado – e em elementos históricos, já que há grande preocupação em reviver e ressignificar práticas que faziam parte do cotidiano dos negros escravos no Brasil.

Dessa forma, espera-se que este trabalho contribua para a preservação e a divulgação da performance e da trajetória do Terno de Congo de Sainha dos Irmãos Paiva e da Festa do Congo, além de contribuir para a divulgação da tradição do Congado. Segundo Laraia (2002, p. 80), “a participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada, nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura.” Apesar de sua forte expressividade dentro da cultura brasileira, o Congado ainda é desconhecido para uma grande parcela da população e isso se deve muito em função da pouca divulgação dada às tradições nacionais. O presente trabalho pode ajudar a minimizar um pouco a falta de publicidade dada às manifestações culturais e ajudar na percepção – ou mesmo na descoberta, no caso dos indivíduos mais desavisados – de que as tradições folclóricas permanecem vivas, sempre se modificando e se reinventando.

Vale ressaltar, ainda, a importância e a contribuição do Congado para nosso patrimônio cultural, para a valorização das raízes negras na identidade nacional e para

fortalecimento da cultura popular brasileira. Dessa forma, conclui-se que se faz extremamente necessária a pesquisa sobre essa tradição, no intuito de se conhecê-la de modo mais aprofundado, dar a ela maior visibilidade e divulgação e, principalmente, colaborar para sua preservação.

Há que se salientar, também, que vivenciar a Festa do Congo e a performance ritual do Terno de Congo de Sainha, é também vivenciar uma experiência singular, marcada pelo extraordinário e repleta de simbologias a serem desvendadas. Nesse sentido, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para apreender e fixar um pouco dessa experiência e torná-la acessível aos demais, para que ela se transforme “de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato que [...] pode ser consultado novamente” (GEERTZ, 1989, p. 14).

A análise cultural de uma experiência nunca é completa, pois é impossível abarcar todas as particularidades dela. Apesar disso, ela pode se constituir em um exercício que ajude o etnógrafo a compreender um pouco mais de sua própria cultura. Ao se colocar frente a outras realidades, o pesquisador estabelece um diálogo com elas e adquire um conhecimento maior sobre o outro, sobre seu objeto de estudo, ao mesmo tempo em que adquire um conhecimento maior sobre si mesmo. Tal experiência é, na verdade, um encontro do universo do pesquisador com o universo do nativo, a partir do qual surge a experiência etnográfica e a interpretação dela. E, em se tratando de uma experiência etnográfica vivenciada dentro de uma tradição religiosa como o Congado, marcada pela devoção dos fieis e pela atuação espiritual da Irmandade do Rosário, pode-se concluir, talvez, que tais encontros por vezes obedeçam a uma lógica que escapa da análise racional do ser humano. Pois, conforme afirma o capitão Luiz, “eu penso assim que nada é por acaso, tudo tem um porquê, tem a hora certa de acontecer. Eu acho que ninguém aparece por acaso aqui. Então esse trabalho que você tá fazendo eu fico feliz, é mais um extra na nossa correntinha que tá aumentando. Que Deus te proteja”. (LUIZ PAIVA, depoimento concedido à autora em 06.09.2014).

REFERÊNCIAS

AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo: Ática, 1987.

ALVIM, Valeska Ribeiro. A tradição e a reinvenção em um olhar sobre a festa do Congado. **Cadernos do GIFE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**. Salvador, nº 20, p. 18-27, maio 2008. Disponível em: <http://www.teatro.ufba.br/gipe/arquivos_pdf/cadernosgipe/Gipe-cit%2020.pdf#page=29>. Acesso em: 28 jul. 2014.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A clara cor da noite escura: escritos e imagens de mulheres e homens negros de Goiás e Minas Gerais**. Uberlândia: EDUFU, 2009.

_____. **O que é folclore**. 7. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRETTAS, Aline Pinheiro; FROTA, Maria Guiomar da Cunha. O registro do Congado como instrumento de preservação do patrimônio mineiro: novas possibilidades. **Revista Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 1, 2012. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/138/176>> Acesso em: 11 out. 2015.

CARNEIRO, Ana Maria Pacheco. Rezar, cantar e festar – Homenagem à Senhora do Rosário: pontuações sobre a Congada de Uberlândia/MG. **Cadernos do GIFE-CIT: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão em Contemporaneidade, Imaginário e Teatralidade**, nº 20, p. 28-43, maio 2008. Salvador. Disponível em: <http://www.teatro.ufba.br/gipe/arquivos_pdf/cadernosgipe/Gipe-cit%2020.pdf#page=29> Acesso em: 28 jul. 2014.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Luzes e sombras no dia social: o símbolo ritual em Victor Turner. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, nº 37, p. 103-131, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a05v18n37.pdf>> Acesso em 09 de ago. 2015.

_____. Drama, ritual e performance em Victor Turner. **Revista Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 03, nº 06, p. 411-440, nov. 2013. Disponível em: <http://revistappgsa.ifcs.ufrj.br/wp-content/uploads/2015/05/4-ano03n06_maria-laura-viveiros-de-castro-cavalcantii.pdf> Acesso em 09 ago. 2015.

CEZAR, Lilian Sagio. Saberes contados, saberes guardados: a polissemia da congada de São Sebastião do Paraíso, Minas Gerais. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, nº 38, p.187-212, jul./dez.2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000200008> Acesso em 26 out. 2014.

GABARRA, Larissa Oliveira. Congado: a festa do batuque. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 3, nº2, 2003, Rio de Janeiro. Disponível

em:<<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php?journal=caderno&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=32&path%5B%5D=30>> Acesso em 28 jul. 2014.

_____. Congado de Uberlândia: relíquias e memória. **Revista História e Perspectivas**, Uberlândia, nº 34, p 393-423, jan./jun. 2006. Disponível

em:<<http://www.seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/viewFile/19045/10244>> Acesso em 28 jul. 2014.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura**. In: _____. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 1989.

_____. **A arte como sistema cultural**. In: _____. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**; tradução de Vera Mello Joscelyne. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2002.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MACEDO, Robson. **Congada de Catalão**. Catalão, GO: Talento Gráfica, 2007.

MOURA, Regina. Sobre a indumentária na festa popular: imagens, signos e fantasias. **Revista Textos Escolhidos de Cultura e Arte Popular**, Rio de Janeiro, v. 7, nº 1, maio de 2010. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tecap/article/view/12139>> Acesso em 11 out. 2015.

SILVA, Rubens Alves da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das Ciências Sociais. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 11, n.º 24, p. 35-65, jul./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v11n24/a03v1124.pdf>> Acesso em 10 jan. 2016.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**; tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

VASCONCELOS, Juliana de. **Congado: uma celebração do hibridismo afro-brasileiro**. 2007. 74 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, Três Corações – MG.